

# Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



## CELIBATO – SER OU NÃO SER?

Celibacy – to be or not to be?

Jeferson Buss<sup>1</sup>

Flávio Schmitt<sup>2</sup>

### Resumo

No século XVI a castidade era apontada pela Igreja como caminho superior de santidade. O ideal de vida cristã era a vida monástica. No senso comum, a salvação passava pelos mosteiros. A reclusão, isolamento e afastamento do mundo eram apontados como condição para viver a santidade. Neste contexto de busca por santidade o celibato iria desempenhar um papel de mais alta relevância. Apontado como condição necessária para viver a excelência da santidade, o lugar ideal apontado para viver esta condição eram os conventos e mosteiros. Também Lutero, na busca por uma santidade plena, buscou refúgio no mosteiro de Erfurt e professou o voto do celibato. Contudo, no decorrer do Movimento da Reforma desencadeado em territórios germânicos, Lutero passou a questionar esta prática, recomendando o casamento. Ele mesmo veio a contrair matrimônio. O presente estudo discute o celibato na Igreja do século XVI. Trata-se de um trabalho de revisão bibliográfica, cujo objetivo é contribuir nas discussões relacionadas com a comemoração dos 500 anos da Reforma. O estudo defende a tese de que Lutero, ao recomendar o casamento, contribuiu para que as mulheres de seu tempo pudessem exercer a autonomia nas suas decisões.

**Palavras-chave:** Lutero. Celibato. Mulheres. Santidade.

### Abstract

In the 16th century chastity was pointed out by the church as the superior path to holiness. The ideal Christian life was the monastic life. In the common people's minds salvation came through the monasteries. Reclusion, isolation and removal from the world were pointed out as the condition to live in holiness. In this context of seeking holiness celibacy played a role of highest relevance. Claimed as being the necessary condition to living the excellence of holiness, the ideal place designated to live this condition were the convents and monasteries. Luther also, in the quest for full holiness, sought refuge in the monastery of Erfurt and professed the vow of celibacy. However, during the Reformation Movement

<sup>1</sup> Jeferson Buss é acadêmico do Curso de Teologia da Faculdades EST e participa de um programa de Iniciação Científica. E-mail: jeferson@adl.org.br.

<sup>2</sup> Flávio Schmitt é doutor em Ciências da Religião pela UMESp, professor na Faculdades EST em São Leopoldo/RS. E-mail: flavio@est.edu.br.

unleashed in German territories, Luther began to question this practice, recommending marriage. He himself got married. This study discusses celibacy in the Church of the 16th century. It is a work of bibliographic review, the goal of which is to contribute in the discussions related to the commemoration of the 500 years of the Reformation. The study defends the thesis that Luther, upon recommending marriage, contributes to women of his time being able to exert autonomy in their decisions.

**Keywords:** Luther. Celibacy. Women. Holiness.

### Considerações Iniciais

Martim Lutero, durante sua vida no mosteiro, buscava uma vida santa para agradar a Deus e merecer a sua misericórdia. E sem mencionar que durante a Idade Média, mais especificamente no Século XVI, se entendia que a Salvação passava pela vida nos mosteiros, ou seja, para que a pessoa fosse salva, ela deveria renunciar ao mundo e viver uma vida dedicada a Deus, em oração e confissão de fé.

Partindo deste pressuposto, Lutero buscou seguir a tradição e os ensinamentos da igreja de seu tempo. Viver no mosteiro significaria uma vida celibatária, abrindo mão da vida matrimonial, da constituição de uma família. Lutero seguiu por este caminho, num primeiro momento.

Já inserido na vida monástica e tendo abraçado o celibato, Lutero passa compreender toda esta realidade de outra maneira. Em vista de questões e situações concretas relacionadas ao celibato e à vida monástica, Lutero desenvolve outra concepção de matrimônio.

Em relação ao matrimônio, o Reformador se ocupa com o tema durante praticamente todo período reformatório. Ao tratar do assunto em 1522, Lutero polemiza com o bispo Meissen, que buscava reintroduzir antigos costumes, entre eles o impedimento ao matrimônio segundo o direito canônico. Para questionar esta orientação, o Reformador, a pedido de Nicolau Hausmann, que pretendia evitar a introdução destas práticas no âmbito de influência, escreve um bilhete chamado “Da Vida Matrimonial”. Neste bilhete Lutero trata da valorização da paternidade e maternidade. No contexto desta discussão, também aponta para os problemas da vida matrimonial, como o adultério.

Antes de continuar seria importante dizer o que é o celibato. A palavra portuguesa Celibato é derivada o substantivo latino *cælibatus* e significa o estado daquele/daquela que

não é casado/casada ou que é célibe. Numa definição literal, trata-se do estado de uma pessoa que se mantém solteira.

Com o significado fica mais fácil de entender e refletir em relação ao próprio título do trabalho e o porquê de Lutero valorizar tanto a Vida Matrimonial.

Para a igreja da época de Lutero, a vida monástica deveria preparar os postulantes para a consagração ao ministério da ordenação. Por ocasião do recebimento do Sacramento da Ordem, os sacerdotes deveriam testemunhar publicamente os votos de pobreza, obediência e castidade. No voto de castidade estava contemplada a escolha por uma vida celibatária.

Pela própria experiência, mas também pela realidade constatada na vida de outras pessoas e ordens, Lutero passa a perceber que toda esta orientação da igreja de seu tempo estava sendo cumprida de forma autoritária e impositiva, descaracterizando o aspecto da escolha livre e pessoal. É neste contexto que Lutero trata de revalorizar a importância do matrimônio e da vida “normal” como sendo um caminho possível de santidade.

Na argumentação acerca da importância do matrimônio, Lutero recorre à argumentos bíblicos, teológicos e práticos.

O **primeiro ponto** levado em consideração pelo Reformador é que: “Deus criou o ser humano, para que houvesse um homenzinho e uma mulherzinha”, como encontramos em **Gênesis 1.27**. Deus criou e dividiu os seres humanos nestas duas partes. E os fez para que cada qual seja honrada e respeitada, pois são obras divinas<sup>3</sup>.

O **segundo ponto** depois de Deus criar a mulher e o homem, ele os abençoou e disse: “Crescei e multiplicai-vos” (**Gn 1.28**). Lutero faz uma análise afirmando que isso não se trata de uma livre escolha ou decisão, mas algo necessário e natural. Que o homem tenha sua mulher e a mulher tenha seu homem<sup>4</sup>.

O **terceiro ponto** ele aborda afirmando que nem o homem nem a mulher devem ficar sós. Ele se baseia em **Mateus 19.12**: “Alguns nasceram castrados, desde o ventre materno; outros há que foram castrados por mãos humanas; outros ainda castraram-se a si

---

<sup>3</sup> LUTERO, Martinho. Da Vida Matrimonial. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, vol. 5, 2011, p. 161.

<sup>4</sup> LUTERO, 2011, p. 162.

mesmos por amor ao reino dos céus”. Quem não se encaixa dentro destas três categorias deve buscar a vida matrimonial. Pois pode ocorrer de cometer pecado abominável sem fim<sup>5</sup>.

Por aí podes deduzir até que ponto têm valor os votos monásticos: perante Deus, o voto de um jovem ou de uma moça não tem valor, a não ser nas condições daquelas três categorias que o próprio Deus excetuou. De sorte que padres, monges e freiras têm a obrigação de romper seus votos quando percebem que têm a capacidade de se reproduzirem e multiplicarem, presente neles por criação de Deus, pois não têm poder de impedirem em si mesmos a criação de Deus por força própria, leis, mandamentos ou votos. Se a impedirem, podes ter a certeza de que não permanecerão puros e que têm a necessidade de se macularem com masturbação e fornicação<sup>6</sup>.

As observações de Lutero parte da observação dos fatos concretos relacionados com o matrimônio. Ele aponta para um aspecto que leva o ser humano a uma decisão para toda sua vida, mesmo não estando devidamente preparado para vivê-la. Algumas pessoas dizem assim:

Bem que eu poderia casar, mas não quero. Prefiro trabalhar no reino dos céus, ou seja, no Evangelho, e multiplicar os filhos espirituais. Esses são raros, não se encontra entre mil, pois são especial obra milagrosa de Deus; ninguém deverá encetar por esse caminho por conta própria, senão unicamente por chamado especial de Deus como Jeremias (Jr 1.5; 16.2), ou quando sente a graça de Deus tão forte dentro de si que a palavra “crescei e multiplicai-vos” não lhe diz respeito<sup>7</sup>.

Neste mesmo caminho encontramos o que o Apóstolo Paulo escreve em **1 Coríntios 7.7**: “Realmente, eu gostaria que todos fossem como eu. Porém cada um tem o dom que Deus lhe deu: um tem este dom, e outro, aquele”. A semelhança entre Lutero e Paulo é a dedicação, ou melhor, a renúncia à vida conjugal para viver à custa do Evangelho. Contudo, Lutero vai dizer que isso somente deve ser o caminho a seguir, se for um sublime chamado de Deus.

Na segunda parte do escrito Lutero faz uma abordagem em relação ao divórcio.

A **primeira razão**, ele se referiu as pessoas que forem incapazes para o matrimônio por problemas físicos ou por natureza.

A **segunda razão** é o adultério. Ele se refere a diversas leis mosaicas em relação ao adultério. Por exemplo: **Provérbios 18.22**: “Quem mantém uma mulher adúltera é louco”.

<sup>5</sup> LUTERO, 2011, p. 162.

<sup>6</sup> LUTERO, 2011, p. 163.

<sup>7</sup> LUTERO, 2011, p. 164.

A **terceira razão** é quando um se priva do outro e não cumpre seu dever conjugal. Em **1 Co 7.4** está escrito: “O marido não é dono do seu corpo, mas a mulher; e a mulher não é dona de seu corpo, mas o marido”. Paulo coloca a ideia de que nenhum deve se privar do outro, a não ser que haja consentimento mútuo.

Na última parte da carta, Lutero faz uma aceção da importância do matrimônio. Não que já não houvesse feito anteriormente, contudo, ele reforça a ideia. Em primeiro passo ele já cita o Apóstolo Paulo, **1 Co 7.9**, que diz: “É melhor casar do que viver abrado”. E depois: “Cada qual tenha sua esposa, e cada qual tenha seu marido, para que se evite a fornicção”. O Reformador busca a preservação de cada ser; pois são obras e criaturas de Deus. E Ele mesmo as considerou como boas. Ele sabe o que é bom para cada pessoa. Ele criou homem e mulher para viver juntos, se unirem, como encontramos em **Gênesis 2.18**.

Lutero deseja apresentar uma reflexão sobre a vida matrimonial como algo a ser seguido. Suas orientações são práticas. Tanto homens como mulheres devem considerar suas condições e inclinações. Enquanto muitos escritos da época estavam fazendo lamúrias sobre o matrimônio dizendo serem as mulheres um mal, o Reformador apresenta o que já havia citado anteriormente de que o homem e a mulher são criaturas de Deus. E Ele os ama e sabe o que é importante e bom para cada ser.

O unir-se a outra pessoa e multiplicar-se, é da vontade de Deus. Ele dá o fruto e ordena criá-lo para o serviço de Deus. E em resumo, Deus se alegra com os filhos e filhas. E muito mais com o pai e a mãe que ensina o Evangelho a para seus filhos e filhas. A vida matrimonial é, segundo Lutero, uma dádiva de Deus. E a própria escritura deixa isso claro, como vimos anteriormente. Unir-se como criatura de Deus é colocar-se sob Seu cuidado e proteção. Buscando sua bênção e cumprindo ao seu mandamento.

### Considerações Finais

A partir de todo o estudo em relação ao escrito de Lutero sobre “A Vida Matrimonial”, pode-se concluir que os contextos não são mais os mesmos. A história mudou, o tempo e a sociedade são totalmente diferentes. A pergunta central seria: O que este escrito pode nos auxiliar e/ou dizer nos dias de hoje? O texto de Lutero em diferentes partes está desatualizado. E concordamos sobre isso. Contudo, ele nos traz uma reflexão sobre a responsabilidade e dádiva do casamento. Durante todo o escrito, Lutero se baseia biblicamente, fundamentando a união entre a mulher e o homem. Faz-se necessário

salientar que o matrimônio não é “um sacramento” para a compreensão Luterana, e não há uma “obrigação” de que toda pessoa precisa se unir. No entanto, Lutero coloca de forma clara que se a pessoa vive sozinha, não deseja se unir com seu par, ela pode correr o risco de buscar outras formas de saciar as necessidades carnis. Claro, o que no tempo de Lutero também era “normal” acontecer, e muitos monges chegaram a experimentar o consolo dos desejos carnis em bordéis e casa noturnas. Como o próprio Lutero escreve em outras literaturas.

Para nós, serve como exemplo o conhecimento da vida matrimonial como dom de Deus. Onde mulher e homem se unem para formar uma só carne, trazendo ao mundo um pequeno ser. Isso é dádiva de Deus e cumprimento da Sua ordem em Gênesis 1.28: *“Crescei e multiplicai-vos”*.

O matrimônio é uma opção de vida. E como disse Paulo em 1 Coríntios 7.7: *“Realmente, eu gostaria que todos fossem como eu. Porém cada um tem o dom que Deus lhe deu: um tem este dom, e outro, aquele”*. Levar uma vida celibatária e dedicada ao serviço de Deus, pode ser um sublime chamado a servir.

Para Lutero o matrimônio deixa de ser uma imposição da família e/ou sociedade, e passa a ser resultado de uma opção pessoal. Da mesma maneira, o celibato deixa de ser uma obrigação para viver a santidade e passa a ser uma opção de serviço ao Evangelho. Seja no que diz respeito ao matrimônio, seja no que diz respeito ao celibato, Lutero devolve a cada pessoa a liberdade e possibilidade de escolha. Aqui já temos presente na Idade Média uma realidade que se torna “normal”, “comum” com a modernidade.

Além disso, importa para Lutero que, independente da opção, que faz a escolha seja coerente com o que tiver escolhido. Quem opta pelo casamento, deve viver de acordo com as regras que a vida matrimonial exige. Já quem opta pelo celibato, deve viver de acordo com o que se espera de uma pessoa que tenha escolhido o celibato para sua vida. Acima de tudo, Lutero prima pela coerência com a escolha.

## Referências

LUTERO, Martinho. Da Vida Matrimonial. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, vol. 5, 2011.